

# Pequeno Tratado Sobre o Homem

## Segundo Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Licenciado e Bacharel em Filosofia  
Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.  
E-mail: [saviolaet@yahoo.com.br](mailto:saviolaet@yahoo.com.br)

### 1) O que é o Homem?

Talvez a pergunta “O que é o Homem?” seja quase tão antiga quanto o próprio homem. Sócrates dedicou toda a sua vida e também a sua morte para ensinar aos seus conterrâneos atenienses uma só coisa: “o que é o homem”.<sup>1</sup> Segundo Sócrates os homens deveriam desviar os seus olhares das coisas exteriores para voltarem-nos a si mesmos.<sup>2</sup> O homem, disse certo filósofo do

---

<sup>1</sup> Embora Sócrates não se intitulasse sábio, uma *sapiência* ele julgava conhecer: a humana. Na verdade, nenhuma outra lhe interessava. Platão. **Apologia a Sócrates**. 20, d-c. in: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Das Origens a Sócrates**. trad. Marcelo Perine. 4 ed. Edições Loyola: São Paulo, 2002. p. 257: “Na verdade, ó atenienses, por nenhuma outra razão busquei para mim este nome, senão por causa de certa sapiência. Que sapiência é esta? Precisamente a sapiência humana: e pode ser que desta sapiência eu seja, verdadeiramente, sábio (...)”.

<sup>2</sup> Battista Mondin. **Introdução à Filosofia**. p. 54: “Assim, na Antigüidade, depois que o esforço dos primeiros filósofos gregos, destinado a descobrir a causa última das coisas foi em vão, com Sócrates e os sofistas a pesquisa filosófica concentrou-se toda sobre o homem, a fim de compreender sua verdadeira natureza, determinar-lhe a capacidade e entender seus deveres e sua missão. ‘Conhece-te a ti mesmo’: eis o objetivo rigoroso da filosofia de Sócrates e de seus contemporâneos.”

nosso tempo, é o único *ente* que pode perguntar-se sobre o ser.<sup>3</sup> Ora, a pergunta sobre o sentido do ser, sempre foi um dos pilares da filosofia. Logo, a resposta, à pergunta, “O Que é o Homem?”, envolve toda a filosofia, pois são os homens que filosofam. Também santo Tomás se coloca a pergunta sobre o homem.

## 1.2) O homem é um Microcosmo

Já tratamos da criação enquanto tal, mas agora desejamos falar de uma criatura em especial: o homem. Mas por que o homem, dentre todas as criaturas, merece nossa particular estima e atenção? Santo Tomás, numa afirmação surpreendente, nos responde: porque, no homem, se encontram, de certa forma, todas as coisas: “dicendum quod in homine quodam modo sunt omina.”<sup>4</sup> O homem é, pois, um *microcosmo*. Daí que, se conhecermos o homem, estaremos, de algum modo, conhecendo todo o *cosmo*. Vejamos qual a razão desta afirmação: o homem pensa, e nisto ele se assemelha aos anjos; sente e isto o torna semelhante aos animais; se nutre e aqui ele se parece com as plantas; e, finalmente, tem um corpo que o faz ter algo em comum com os seres inanimados.<sup>5</sup> Todas estas ações, que acabamos de descrever, se encontram, no homem, de alguma forma, sob o domínio da razão. Deste modo, podemos afirmar com santo Tomás: assim como o homem domina as coisas que nele se

---

<sup>3</sup> Longe de Heidegger alicerçar o seu pensamento no âmbito de uma antropologia, mas é inegável que as suas pesquisas deram, ainda que acidentalmente, uma contribuição para o assunto. Heidegger. **Ser e Tempo**. in: ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: De Nietzsche à Escola de Frankfurt**. trad. Ivo Storniolo. rev: Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2006. p. 204: “O homem, portanto, é o ente que se propõe a pergunta sobre o sentido do ser.”

<sup>4</sup> Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. I, 96, 2, C: “No homem se encontram de certo modo todas as coisas.”

<sup>5</sup> Idem. Ibidem: “Ora, no homem há quatro coisas a considerar: a razão, por ela se equipara aos anjos; as potências sensitivas, pelas quais se equipara aos animais; as potências naturais, pelas quais se equipara às plantas; o corpo, enfim, pelo qual se equipara às coisas inanimadas. (O itálico é nosso).

encontram, da mesma maneira ele domina – utilizando-as livremente - as coisas que estão fora dele (as plantas e os seres inanimados), e isto, através da razão.<sup>6</sup> A razão, pois, na ordem das substâncias materiais, domina e não deve ser dominada por nada: “A razão no homem ocupa o lugar do que domina, e não do que está submetido à dominação.”<sup>7</sup>

Sendo o homem composto de todos os seres e tendo a razão como vínculo de unidade, a grande pergunta da filosofia tomasiana será: como se realiza esta unidade?<sup>8</sup>

### 1.3) O Homem é a Sua Alma?

Ora, se tal é a dignidade da alma racional no homem – pois é ela que realiza esta unidade, transformadora, da qual falávamos - seria então o homem a sua alma racional? Não foram poucos aqueles que defenderam que o homem é a sua alma! Mas, e a matéria? Ela não entraria, desta feita, de forma alguma, na definição de homem? Não nos esqueçamos que ilustres filósofos defenderam isto: segundo eles o homem não seria senão uma alma que se serve de um corpo.<sup>9</sup> No entanto, Santo Tomás, seguindo Aristóteles, não pensa assim.

---

<sup>6</sup> Idem. Ibidem: “O homem, no estado de inocência, dominava as plantas e as coisas inanimadas não dando-lhes ordens ou transformando-as, mas utilizando-se livremente de sua ajuda.”

<sup>7</sup> Idem. Ibidem.

<sup>8</sup> Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 467: “Como ser composto de todos os seres, o homem defronta a filosofia com *um problema peculiar: o de sua unidade*.”

<sup>9</sup> De fato, para não citar Platão, mesmo Agostinho, sobretudo enquanto filósofo, não consegue resolver a questão da unidade do homem. Se, como cristão, defende que o homem era um composto de corpo e alma, como filósofo, afirma que o homem é uma alma que se serve de um corpo. Étienne Gilson frisa, com maestria, esta aporia agostiniana: Etienne Gilson. **A Filosofia na Idade Média**. p. 146: “Entre esses elementos, a definição do homem dialeticamente justificada por Platão exerceu sobre o pensamento de Agostinho uma influência decisiva: o homem é uma alma que se serve de um corpo. *Quando fala como cristão Agostinho toma o cuidado de lembrar que o homem é a unidade da alma e do corpo; quando filosofa, recai na definição de Platão. (...)*”. (O itálico é nosso).

### 1.3.1) A União Substancial

Antes de passarmos a responder a estas questões precisamos compreender dois conceitos preliminares: o da *união accidental* e o da *união substancial*. A *união accidental* é aquela que se dá entre a substância e os seus acidentes. Esta união não passa, afinal, de um *enxerto* entre duas entidades que, de per si, são completas.<sup>10</sup> Já a *união substancial* é a composição de dois seres que, tomados separadamente, permanecem incompletos.<sup>11</sup> A união substancial é, por conseguinte, união entre matéria e forma: “(...) substancial é aquela que se origina da composição de uma forma com uma matéria.”<sup>12</sup>

### 1.3.2) A Alma não é o Homem

Com efeito, na concepção tomásica, a natureza humana constitui-se por uma união substancial entre matéria (corpo) e forma (alma). Partindo do pressuposto do que seja uma união substancial, tenhamos então presente a seguinte sentença: nenhuma parte do homem é o homem.<sup>13</sup> Ora, a alma é parte da natureza humana.<sup>14</sup> Logo, a alma não é o homem.<sup>15</sup> Inversamente, se o homem é corpo e alma, por uma união substancial, o que se diz da parte, pode-se dizer do todo. Por exemplo, embora o sentir não seja uma operação própria da alma, mas

---

<sup>10</sup> Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 467: “Acidental é a união que existe entre uma substância e seus acidentes ou propriedades, tais como o calor, o frio, a forma externa, etc (...) A união accidental não passa, no fundo, da enxertia de uma entidade em outra, não havendo nelas nenhuma exigência natural de união mútua.”

<sup>11</sup> Idem. Ibidem: “A união substancial combina dois seres que, tomados em separados, são incompletos: só na união é que vêm a constituir seres completos.”

<sup>12</sup> Idem. Ibidem.

<sup>13</sup> Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. I, 3, 7, C: “Nulla enim partium hominis est homo (...)”.

<sup>14</sup> Idem. Ibidem. I, 75, 4, ad. 2: “E nem a alma, pois *ela é uma parte da espécie humana* (anima, cum sit pars speciei humanae).” (Os itálicos e o parêntese são nossos).

<sup>15</sup> Idem. Ibidem. I, 75, 4, SC: “Escreve Agostinho citando Varrão: ‘O homem não é só alma, nem só corpo, mas afirmamos que ele é simultaneamente alma e corpo’”.

do corpo, ele é ação do homem, pois, nas uniões substanciais, o que se diz da parte pode-se dizer do todo.<sup>16</sup> Quando Frei Tomás discute com aqueles que sugerem que a alma poderia preexistir ao corpo, ele mostra-se completamente desfavorável a esta tese. Vejamos como o Aquinate entende ser equívoca tal tese. Para Tomás, Deus criou todas as naturezas em estado de perfeição.<sup>17</sup> Ora, é da natureza da alma (enquanto parte da natureza humana) estar unida a um corpo.<sup>18</sup> Logo, a alma não teria sido criada em estado de perfeição se fosse criada sem o corpo. Portanto, a alma foi criada ao mesmo tempo em que o corpo: “ipsa vero fuit creata simul cum corpore.”<sup>19</sup>

#### **1.4) O Homem Não Possui Três Almas**

Outra questão a que precisamos dirigir a nossa atenção é esta: se as plantas vegetam, porque têm alma vegetativa, se os animais sentem, porque têm alma sensitiva, então o homem, que nutre, sente e pensa, tem três almas? Parece, à primeira vista, a consequência mais “lógica” que se pode tomar. Grandes filósofos chegaram mesmo a defendê-la. Entretanto, o nosso filósofo, a rejeita terminantemente. Vejamos por qual razão. Ele explica isso da seguinte forma: a geração de um sempre implica a corrupção de outro.<sup>20</sup> Tanto nos homens, como nos animais, quando uma forma mais perfeita é gerada, a outra se corrompe. Outrossim, a nova forma gerada deve conter em si todas as perfeições da forma

---

<sup>16</sup> Idem. Ibidem. I, 75, 2, ad 2: “Por isso também as operações das partes são atribuídas ao todo pelas partes. Dizemos que o homem vê pelos olhos e apalpa pelas mãos (...).”

<sup>17</sup> Idem. Ibidem. I, 90, 4, C: “É manifesto que Deus instituiu as primeiras coisas no estado perfeito de sua natureza (...).”

<sup>18</sup> Idem. Ibidem: “Ora, sendo a alma uma parte da natureza humana, só possui sua perfeição natural em sua união com o corpo (...).”

<sup>19</sup> Idem. Ibidem.

<sup>20</sup> Idem. Ibidem. I, 118, 2, ad 2: “(...) a geração de um é sempre a corrupção de outro (...).” “cum generatio unius semper sit corruptio alterius”.

precedente e algo mais.<sup>21</sup> É, pois, através deste processo de geração e corrupção que se chega à perfeição própria do homem, que é a forma intelectual. Ora, é no término da geração do homem que Deus cria, por conseguinte, a alma intelectual e esta, por ser a perfeição última do homem, é, ao mesmo tempo, nutritiva, sensitiva e intelectual:

Assim, ao longo de muitas gerações e corrupções, chega-se à última forma substancial, no homem como nos outros animais. (...) Deve-se, pois, dizer que a alma intelectual é criada por Deus no término da geração humana e que essa alma é ao mesmo tempo sensitiva e nutritiva, desfeitas as formas precedentes.<sup>22</sup>

### **1.5) O Homem não é a sua Humanidade**

Como podemos distinguir entes de uma mesma espécie? O que diferencia os entes, que possuem a mesma essência, que estão no mesmo gênero, e que se encontram na mesma espécie? O que torna um homem, por exemplo, diverso do outro? Santo Tomás enfrenta esta questão com naturalidade. Sua resposta, embora revestida de *conceitos complexos*, é bastante simples. Vamos tentar entendê-la. De fato, a natureza ou essência compreende tudo aquilo que está contido na definição de uma espécie.<sup>23</sup> Ora, a humanidade, enquanto essência humana, compreende tudo aquilo que é da espécie humana.<sup>24</sup> É pela

---

<sup>21</sup> Idem. Ibidem: “(...) tanto nos homens como nos outros animais, quando uma forma mais perfeita é produzida, a precedente se corrompe, de tal forma que a nova forma tem tudo o que continha a anterior e ainda algo mais.”

<sup>22</sup> Idem. Ibidem.

<sup>23</sup> Idem. Ibidem. I, 3, 3, C: “Isso porque a natureza ou essência compreende apenas o que está contido na definição da espécie (...)”.

<sup>24</sup> Idem. Ibidem: “(...) assim, humanidade, compreende o que está contido na definição do homem.”

humanidade que o homem é homem.<sup>25</sup> Contudo, embora a humanidade inclua que o homem deva ter carne e osso, não inclui a *matéria individualizante*, ou seja, que ele deva ter esta carne, estes ossos ou que ele seja branco ou negro.<sup>26</sup> Logo, o homem não é a sua humanidade, a sua essência.<sup>27</sup> E um homem se distingue de outro pela *matéria individualizante*, por ter esta carne e estes ossos.

## 1.6) O Homem é como o Anjo?

Somos iguais aos anjos? Ou será que somos anjos decaídos? Será que devemos viver como anjos? Não foram poucos os pensadores cristãos que aderiram a um espiritualismo exacerbado. Tomás de Aquino, a nosso ver, inaugura, corajosamente, uma nova forma de pensar esta questão. Para ele não somos anjos, e, como *o agir segue o ser*<sup>28</sup>, não poderemos viver como anjos! O corpo não é da essência da alma, mas é da essência da alma estar unida a um corpo.<sup>29</sup> A alma precisa do corpo para exercer as suas funções e isto a torna inferior aos anjos que, sendo formas puras, não precisam de um corpo para executar o que lhes é próprio.<sup>30</sup>

---

<sup>25</sup> Idem. Ibidem: “É pelo que está contido na definição que o homem é homem, e é o que significa a palavra humanidade, isto é, aquilo pelo qual o homem é homem.”

<sup>26</sup> Idem. Ibidem: “Mas a matéria individual, com todos os acidentes que a individualizam, não está contida na definição da espécie; pois a definição de homem não contém esta carne, estes ossos, a brancura, a negritude, etc.”

<sup>27</sup> Idem. Ibidem: “Assim, não são totalmente a mesma coisa homem e humanidade, mas a humanidade é entendida como sua parte formal (...)”.

<sup>28</sup> Idem. **Suma Contra os Gentios**. III, LXIX, 10(2450): “(...) o agir segue o ser em ato (...)”.

(agere sequitur ad esse in actu).

<sup>29</sup> Idem. **Suma Teológica**. I, 75, ad. 3: “Deve-se dizer que o corpo não é da essência da alma, mas a alma, pela natureza de sua essência, é capaz de se unir ao corpo.”

<sup>30</sup> Idem. Ibidem: “Que a alma necessite de algum modo do corpo para operar prova que a alma está em grau de intelectualidade inferior ao do anjo, pois o anjo não se une a corpo.”

## 1.7) A Alma Humana é Imaterial

O que acabamos de dizer poderia levar alguém, ainda não iniciado no pensamento tomásico, a inferir que Tomás é um materialista. Nada menos preciso. Embora não sejamos anjos, também não estamos imersos na matéria. Não faltaram filósofos que antes e depois de Tomás quiseram reduzir o homem à pura matéria. Mas, certamente, a doutrina tomasiana não se coaduna com tais asserções. Tentemos perceber por quê. Com efeito, conhecemos a forma de uma coisa pela sua operação.<sup>31</sup> A operação própria da forma humana é o conhecimento.<sup>32</sup> Portanto, é no princípio do conhecimento, propriamente humano, que devemos buscar conhecer a forma do homem. Ora, o conhecimento próprio do homem não é qualquer conhecimento, mas sim o conhecimento intelectual. Acontece, pois, que o conhecimento intelectual é imaterial, embora não possa prescindir dos dados sensíveis para se constituir.<sup>33</sup> Logo, a alma, embora dependa do corpo para exercer as suas ações, é, ela mesma, imaterial: “(...) anima non habet materiam.”<sup>34</sup>

## 1.8) Por Que Existem Indivíduos da mesma Espécie?

Porque existe uma pluralidade de almas? Respondamos. A alma, de per si, não constitui uma espécie. A espécie é, antes, o composto de corpo e alma.<sup>35</sup> Com efeito, a alma separada do corpo, não se encontra no seu estado de

---

<sup>31</sup> Idem. Ibidem. I, 76, 1, C: “A natureza de cada coisa é revelada por sua operação.”

<sup>32</sup> Idem. Ibidem: “A operação própria do homem, enquanto homem, é conhecer.”

<sup>33</sup> Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 470: “As mais elevadas de todas, enfim, são as almas humanas, que se parecem com as substâncias espirituais no sentido de poderem *conhecer o imaterial*; mas distinguem-se delas por terem que *partir das coisas sensíveis*.” (Os itálicos são nossos).

<sup>34</sup> Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. I, 75, 5, C: “A alma não tem matéria.”

<sup>35</sup> Idem. Ibidem: “Por isso a alma propriamente não pertence a uma espécie, mas o composto de corpo e alma.”



perfeição, pois é contrário à natureza da alma viver separada do corpo<sup>36</sup> (vislumbramos aqui uma das fortes razões pelas quais não é contraditório afirmar a ressurreição da carne). Ora, o corpo, por ser matéria, é corruptível. Logo, se a espécie humana se realizasse apenas num indivíduo, ela se extinguiria com a corrupção deste indivíduo. É, pois, sob certo aspecto, em vista da preservação e perpetuação da espécie que, nas coisas corruptíveis, seja necessário que existam vários indivíduos de uma mesma espécie:

Além disso, nas coisas corruptíveis há vários indivíduos numa espécie, para que a natureza da espécie, que não pode ser perpetuamente conservada em um indivíduo, conserve-se em muitos.<sup>37</sup>

### **1.9) A Distinção Entre *Princípio de Individuação e Individualidade***

Entretanto, antes de tirarmos conclusões precipitadas, é bom esclarecermos um ponto. Como dissemos é somente sob “certo aspecto”, e não de forma determinante, que a *multiplicação* dos *indivíduos* tem em vista a *conservação da espécie*. Nas demais *espécies corruptíveis*, não há maiores problemas em se admitir que a *multiplicidade* de *indivíduos* tenha em vista a *conservação da espécie*, já que eles existem – precisamente - como *meios* a serviço da *espécie humana*. No entanto, no caso do homem, dotado de *alma imaterial e imortal* – *fim* de toda a *criação* - a questão se apresenta com toda a sua gravidade. Vamos tentar esclarecê-la rapidamente.

O que nos torna indivíduos? Para responder a esta questão temos, antes de tudo, de saber o que é um *indivíduo*. Um *indivíduo* é um ser “dividido de

---

<sup>36</sup>Idem. Ibidem. I, 118, 3, C: “Se para alma é natural estar unida ao corpo, estar sem o corpo seria contrário a sua natureza, sendo que uma alma sem o corpo não possuiria a perfeição de sua natureza.”

<sup>37</sup> Idem. **Suma Contra os Gentios**. II, XCIII, 3 (1798).

todos os outros seres e, por sua vez, não divisível em outros seres.”<sup>38</sup> Um Indivíduo é um ser indiviso.

O que nos permite distinguir uma *espécie* de outra é a sua *forma*, e o que nos possibilita distinguir um *homem* – indivíduo - de outro é a sua *matéria*: “A distinção formal é a que faz uma espécie se distinguir de outra espécie; a distinção material é a que faz um indivíduo se distinguir de outro indivíduo”.<sup>39</sup> A *espécie humana*, por exemplo, é *distinta* das demais espécies por sua *forma: alma racional*. Ao contrário, um homem se distingue de outro homem por ser um *indivíduo*, ou seja, *indiviso* e *único*. E ele o é, por *causa da matéria, princípio de individuação*.

Isto significa, por conseguinte, que o que me faz ser diferente de outrem consiste, unicamente, no fato de eu possuir *uma porção de matéria diferente da dele?* O que me faz ser eu e não outro é *uma porção de matéria?* Não!:

O que pode nos incomodar em tal concepção do individual é a idéia de que o que faz com que cada um de nós seja si mesmo, o que dá à nossa personalidade esse caráter próprio que nos compraz reconhecer e que julgamos tão precioso, não se deve ao elemento espiritual da nossa natureza, mas ao fato acidental de que a porção de matéria de que o nosso corpo é feito não é a mesma de que é feito o corpo do nosso vizinho. Isso não parece nem humano nem cristão.<sup>40</sup>

Sem entrarmos numa *antropologia da pessoa* – o que fulgiria ao objetivo deste estudo – respondemos, de início, que se deve distinguir, pois, o *princípio de individuação* –matéria– do da *individualidade*, cujo exercício, enquanto tal, pertence, por sua vez, à *substância concreta*. De fato, é o *ser da substância concreta*, que *procede da forma*, quem *determina e atualiza a matéria*

---

<sup>38</sup> Étienne Gilson. **O Espírito da Filosofia Medieval**. p. 265.

<sup>39</sup> Idem. Ibidem. p. 264

<sup>40</sup> Idem. Ibidem. p. 265.

dando a ela o *substrato* pelo qual ela *poderá exercer a individuação*. Em última instância, portanto, a *matéria* deve a *forma* o ato de ser *princípio de individuação* da *substância*. Doravante, a *individualidade* pertence à *substância racional*, ao *homem* enquanto tal:

Essa verdade somente aparece com plena clareza quando se distingue, à luz das análises precedentes, a noção de individualidade da de individuação. O princípio de individuação é a matéria; é ela, portanto que causa a individualidade. Mas não é em sua matéria que a individualidade do indivíduo consiste; ao contrário, ele só é individual – isto é, indiviso em si e dividido do resto – porque é uma substância concreta considerada como um todo. Nesse sentido, a matéria individuante só o é em virtude da sua integração ao ser da substância total, e, como o ser da substância é o ser da sua forma, a individualidade tem necessariamente de ser uma propriedade da forma tanto quanto da matéria.<sup>41</sup>

Pensar, ao contrário, que a *substância concreta*, deva a sua *individualidade*, pura e simplesmente, à *matéria*, é um *contra-senso*. De fato, tal conclusão nos levaria a afirmar que a *matéria* é superior à *forma* e que a *potência* é superior ao ato. Mas, o contrário é que é verdadeiro: a *matéria* existe para a *forma*, da mesma maneira que a *potência* para o ato. Sendo a *matéria*, *princípio de individuação*, e a *forma*, *princípio de distinção entre as espécies*, pode-se concluir, de imediato, que a *espécie* é superior ao *indivíduo* e que este deve existir, por conseguinte, para *espécie*:

Ora, como a matéria é inferior à forma, do mesmo modo que a potência é inferior ao ato, a distinção material tem necessariamente de existir em função da distinção formal, o que

---

<sup>41</sup> Idem. Ibidem. p. 267

equivale a dizer que os indivíduos existem em função da espécie.<sup>42</sup>

No entanto, é aqui que entra a pena cristã de Santo Tomás! Ele, ultrapassando a Aristóteles, chega à doutrina do *primado do indivíduo*. De fato, o *indivíduo*, embora tendo o seu *princípio de individuação* na *matéria*, não deve - nem unicamente e nem principalmente - a ela, a sua *individualidade*. Com efeito, a *matéria* só pode ser *princípio de individuação* porque recebeu, da *forma*, o ato de sê-lo. Por isso, é à sua *forma* que o homem deve, como em sua causa primeira, a *individualidade*. Doravante, o *indivíduo* passa a estar, sob este aspecto, em pé de *igualdade* com a *espécie*, pois, ambos, muito embora de maneiras diversas, devem a sua *existência à forma*:

Assim sendo, são Tomás pode perfeitamente fazer seu, e o fez sem se cansar, o famoso princípio aristotélico que diz que o indivíduo só existe para a espécie; entretanto, por uma inversão desde então inevitável, as conseqüências que atuavam em prol da espécie no sistema de Aristóteles vão atuar em prol do indivíduo no sistema filosófico cristão.<sup>43</sup>

As *substâncias*, enquanto tais, são sempre *indivíduos*: “Consideradas em sua substância concreta, as substâncias são indivíduos (...)”.<sup>44</sup> Quando se trata do *homem*, porém, a sua *alma*, sendo uma *substância incorruptível*, é também um *indivíduo incorruptível*. Neste caso, portanto, a *multiplicidade* da *espécie* não se deve, apenas, a sua *permanência* (permanência da espécie), deve-se ainda ao desejo da *natureza* – tocada pela mão de Deus – de ter o *indivíduo* enquanto tal. Pois, de fato, no caso das *substâncias incorruptíveis*, não só a *espécie permanece*, mas também os *indivíduos*:

---

<sup>42</sup> Idem. Ibidem. p. 264.

<sup>43</sup> Idem. Ibidem. p. 272.

<sup>44</sup> Idem. Ibidem. p. 271.

Mas, quando se trata de substâncias incorruptíveis, não é somente sua espécie que permanece, mas os indivíduos também. É por isso que, em semelhante caso, os próprios indivíduos entram na intenção da natureza (...). Ora, alma é que é a parte incorruptível do homem, logo devemos dizer que a multiplicação dos indivíduos humanos é uma intenção primeira da natureza, ou melhor, do Autor da Natureza, que é o único criador das almas humanas: Deus.<sup>45</sup>

Deus *amou* o homem enquanto tal; Ele o quis, não em vista da *conservação de uma espécie*, mas enquanto *indivíduo*.

---

<sup>45</sup> Idem. Ibidem. p. 272

## ***BIBLIOGRAFIA***

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã, Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7ªed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 467 a 470.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 146.

\_\_\_\_\_. **O Espírito da Filosofia Medieval.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 2006. p. 264 a 272.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios.** Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

\_\_\_\_\_. **Suma Teológica.** Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. I e II.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.